CERÂMICAS DE DUAS SEPULTURAS DO BRONZE FINAL DA HERDADE DA MARCHICA NOVA — OURIQUE

Por

MARIA MANUELA ALVES DIAS E LUÍS COELHO

Em data imprecisa, mas provavelmente em meados do mês de Fevereiro de 1972, foram descobertas na Herdade da Marchica Nova (1) duas sepulturas de que nos foi dado notícia e que o nosso companheiro de prospecções Caetano de Melo Beirão visitou no dia 12 de Março. Os rurais que descobriram as sepulturas aperceberam-se do interesse do seu achado pois que o conhecimento que tinham dos trabalhos arqueológicos realizados na região, Nossa Senhora da Cola e Atalaia principalmente, tinha até para alguns deles representado uma experiência vivida. A consciência do valor da sua descoberta tomou sobretudo forma quando se lhes deparou o primeiro achado cerâmico, pequena taça tipo Atalaia, que entregaram ao sr. Manuel Ricardo, do Monte Novo dos Moinhos, Aldeia de Palheiros. Após a limpeza cuidada do interior das sepulturas, cavadas no xisto, e do seu imediato registo,

(1) A Herdade da Marchica Nova, concelho e freguesia de Ourique, domina um extenso cabeço, a cerca de centena e meia de metros da margem direita do Rio Mira e a E de Nossa Senhora da Cola ;na Carta Militar, 1:25 000, folha 563 (ed. de 1952), é-lhe atribuído o valor altimétrico de 202 m. As sepulturas situam-se a, mais ou menos, 20 m para noroeste da edificação do monte da herdade que é propriedade dos herdeiros do sr. Manuel Policarpo.

notou-se que a «exploração» dos rurais não atingira o fixe e o que fora considerado como fundo não era senão uma camada muito compacta de entulhamento.

As duas sepulturas orientam-se NW - SE, estão paralelas a uma distância, uma da outra, de cerca de meio metro. Descrevem-se de ocidente para oriente:

Sepultura I — Trata-se de uma caixa aberta no xisto, de molde paralelepipédico, cujos topos foram arredondados. Dimensões: eixo maior: 1,15 m; eixo menor: 0,60 m; profundidade: 0,40 m. Servia-lhe de cobertura parcial uma placa de xisto, grosseiramente afeiçoada que tem as seguintes dimensões: 1,06 m de comprimento, 0,80 m de largura, e 12 cm de espessura máxima (2). Esta sepultura estava a uma profundidade de 20 cm do solo.

No fundo da sepultura e aproximadas de uma das faces maiores, estavam duas peças de cerâmica bastante fragmentadas, coberta a maior por uma pequena pedra que parece ter sido aí colocado intencionalmente.

Sepultura II — É quanto ao talhe semelhante à anterior. Dimensões: eixo maior: 1,20 m; eixo menor: 0,60 m; profundidade: 0,50 m. Também esta sepultura estava a uma profundidade de cerca de 20 cm do solo.

No topo SE e bem centrada no eixo maior da sepultura encontrou-se uma peça secâmica.

As cerâmicas —

da Sep. I:

a) tijela tipo Atalaia; engobe preto a cinzento amarelado; bordo de perfil quadrangular de arestas uniformemente arredondadas; parte superior inclinada para dentro, parte inferior ligeiramente abaulada que se vai aplanando para formar o fundo; talvez com vestígios de

(2) Na cista da folha da Amendoeira, A. Viana apresenta um caso em que uma só lage de cobertura foi insuficiente pelo que os construtores recorreram à inclusão de outra pequena pedra; talvez aqui o mesmo tenha sucedido mas esse segundo elemento de cobertura não foi encontrado. Ver Abel Viana, O Monumento megalítico da Folha da Amendoeira (Odivelas do Alentejo), in *Zephyrus*, IV, Salamanca, 1953, pp. 241 a 263.

pintura no bordo interior (3); altura, 4,2 cm; diâmetro da boca, 9,2 cm; diâmetro maior 11 cm;

b) fragmento de vasilha com mamilos modelados a partir do interior; o bordo é levemente arredondado para fora; fractura preta, rugosa e laminar; engobe castanho tabaco sobre o qual se teria talvez aplicado uma camada de tinta vermelha; os mamilos são modelados na zona de transição entre a parede do vaso, que é ligeiramente abaulada para dentro, e a parte curva que prepara o fundo; diâmetro geométrico da boca, 24,5 cm;

da Sep. II:

c) taça com asa e carena; o bordo é levemente revirado para o exterior; fractura cinzenta acastanhada, rectilínea; superfície rugosa com vestígios de engobe castanho forte; parede ligeiramente virada para fora; parte inferior ligeiramente abaulada que se vai aplanando para formar o fundo que é um pouco mais espesso no centro; a asa, aplicada, de secção trapezoidal, está facturada e incompleta, e descia do bordo para a carena; altura, 11,2 cm; diâmetro da boca, 18,7 cm; diâmetro maior, 20,5 cm.

Tipologicamente estas cerâmicas têm os seus paralelos mais próximos no material da estação arqueológica da Atalaia; assim temos para:

a) Atalaia, monumento IV, sepultura II, (tijela que dentro da sepultura estava ligeiramente deslocada do centro para SE) (4),

b) Atalaia, monumento V, sepultura 9 (caco avulso ao lado dos esteios de pedra da sepultura mas fora dela) (5), recorde-se ainda o

---

(3) Só depois dum tratamento de limpeza apropriado se poderá dizer alguma coisa de afirmativo a este respeito. No entanto a hipótese não é de afastar já porque nos ensaios de lavagem se verificou esta coloração já porque há a proximidade, geográfica e cronológica, da Nora Velha onde a pintura a vermelho ocorre numa fase decorativa de estrutura linear.

(4) Hermanfried Schubart, Atalaia, uma necrópole da idade do bronze no Baixo Alentejo, in *Arquivo de Beja*, XXII, Beja, 1965, p. 43, fig. 14-a.

(5) H. Schubart, *Atalaia* ... p. 50, fig. 16-b.

achado de um mamilo em face não carenada em Monchique (6), note-se que no nosso exemplar os mamilos são modelados desde o interior o que não sucede nem na Atalaia nem na Belle France (Monchique),

c) Atalaia, monumento II (?) (7) embora as asas sejam francamente diferentes.

Ao integrar este material da Marchica Nova no seu conjunto de época, verificámos que não só não era possível conseguir paralelos muito estreitos para a taça mamilar como também tinha surgido uma nova associação de materiais cerâmicos no âmbito da «cultura das tijelas de tipo Atalaia», facto que merece ser especialmente registado porque as dádivas de mais de uma peça cerâmica por sepultura são relativamente raras.

Elaborou-se portanto um quadro tendo em conta os conjuntos com *unidade real*, que agrupam formas que a metodologia moderna tipificou com os nomes de jarros, canecas, tijelas (8) e taças (9).

Dizemos que os conjuntos têm *unidade real* porque os objectos agrupados dentro de uma mesma sepultura são conjuntos que existem para além do carácter tipológico das peças, ultrapassando-os, são grupos fornecidos pela época que os usou, tem simultaneamente existência real como conjuntos e são unidades individuais visto a sua natureza de dádivas a nível de sepultura; são o que em termos de antropologia cultural se poderiam chamar os mais elementares *complexos culturais*, de que a tijela tipo Atalaia é o *elemento* constante.

São assim os mais úteis agrupamentos para o estudo das relações funcionais das dádivas do ritual funerário e para o conhecimento da estética da época.

---

(6) J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira e A. Viana, Estudos Arqueológicos nas Caldas de Monchique, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIV, Porto, 1953-1954, p. 126, ilust. p. 165 e est. XVIII-5, de um túmulo com a mesma orientação que estes, p. 124; Anteriormene os mesmos autores já se lhe tinham referido em, Nuevas Contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe. Las Necrópolis de las Caldas de Monchique, *Cronica del I Congresso Nacional de Arqueologia y del V Congreso Arqueológico del Sudeste;* Cartagena, 1950, p. 90.

(7) H. Schubart, *Atalaia* ..., p. 28, fig. 12-e.

(8) H.Schubart, *Atalaia* ..., p. 78.

(9) A grande abertura da boca, a existência de uma carena muito pouco marcada,

No entanto, metodologicamente, há objecções que convém fazer:

1.° — assegurarmo-nos que cada sepultura tem um só enterramento e que estes conjuntos não são resultado de dois enterramentos sucessivos sem um total esvaziamento prévio (10);

2.° — assegurarmo-nos que uma arma, ponta de seta, é uma dádiva e não a causa da morte, o que excluiria o carácter intencional desse objecto no conjunto (11).

O número de conjuntos para a aplicação deste sistema terá de ser muito elevado se quisermos tirar conclusões válidas; o quadro que apresentamos serve unicamente de exemplificação ao método.

Se observarmos os conjuntos sob o ponto de vista das capacidades relativas verificamos que em cada um se notam diferentes capacidades ligadas a formas cerâmicas diferentes (12). As tijelas tipo Atalaia alternam quanto à capacidade com as canecas, a função poderia portanto também alternar (estão neste caso os conjuntos da Atalaia sepultura 32, monumento II e sepultura 12, monumento V).

O único conjunto que integra metal, sepultura 1, monumento VII, e tijela tipo Atalaia associa à ponta de seta (Ver nota 11) uma forma cerâmica em que o perfil interior não concorda com o perfil exterior (13). A carena aqui não parece ser uma necessidade técnica, mas sim decorativa e pode ser comparada com a taça da Marchica em que

---

e a falta de fundo (em Marchica I b) não nos permitem integrar esta cerâmica nas formas antes apontadas, chamamos-lhe portanto taça.

(10) Tanto no caso da Atalaia como no da Marchica não apareceram vestígios de ossadas, mas a natureza arquitectónica dos monumentos da Atalaia parece excluir tal hipótese. Para Atalaia ver H. Schubart, *Atalaia* ..., pp. 72 e 75.

(11) Esta hipótese pode pôr-se para o conjunto de sepultura 1, monumento VII da Atalaia.

(12) Não podemos ter em conta quanto a capacidade e conjunto da sepultura 12 monumento III da Atalaia, visto dois dos recipientes não darem perfis completos: o mesmo se poderia dizer da Marchica sepultura 1, mas a capacidade determinada a partir do fragmento é já suficiente para o afirmar. Ver a respeito deste conjunto H. Schubart p. 81.

(13) H. Schubart, Estratigrafia Horizontal de Atalaia, Una contribución a la cronología de la Edad del Bronce en el sudoeste de la Península Ibérica, in *Crónica del X Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 404-411.

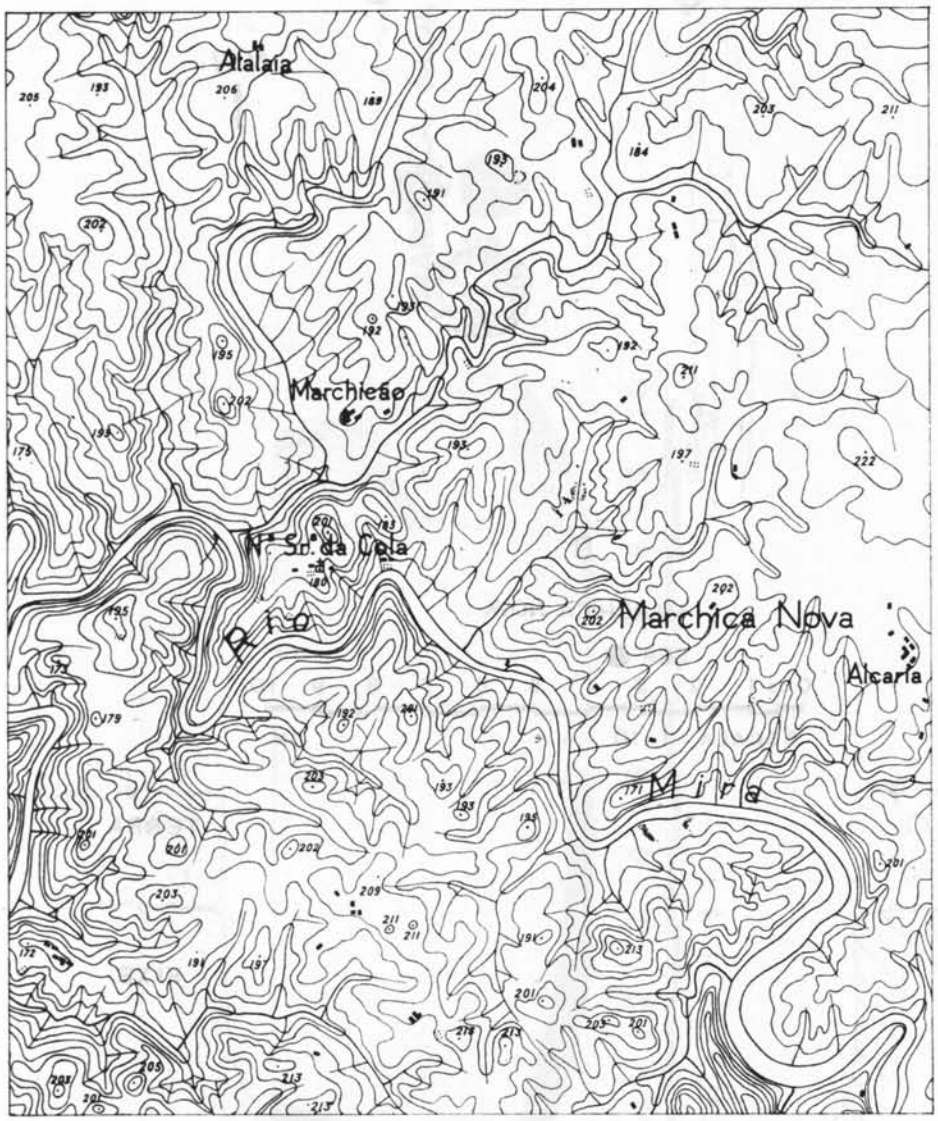
o elemento decorativo se coloca na carena, como que orientado por uma estética já fixada, pois ele não é adicional, faz parte integrante da peça.

A coloração dos engobes será também um elemento a ter em conta num estudo comparativo de conjuntos mais numerosos.

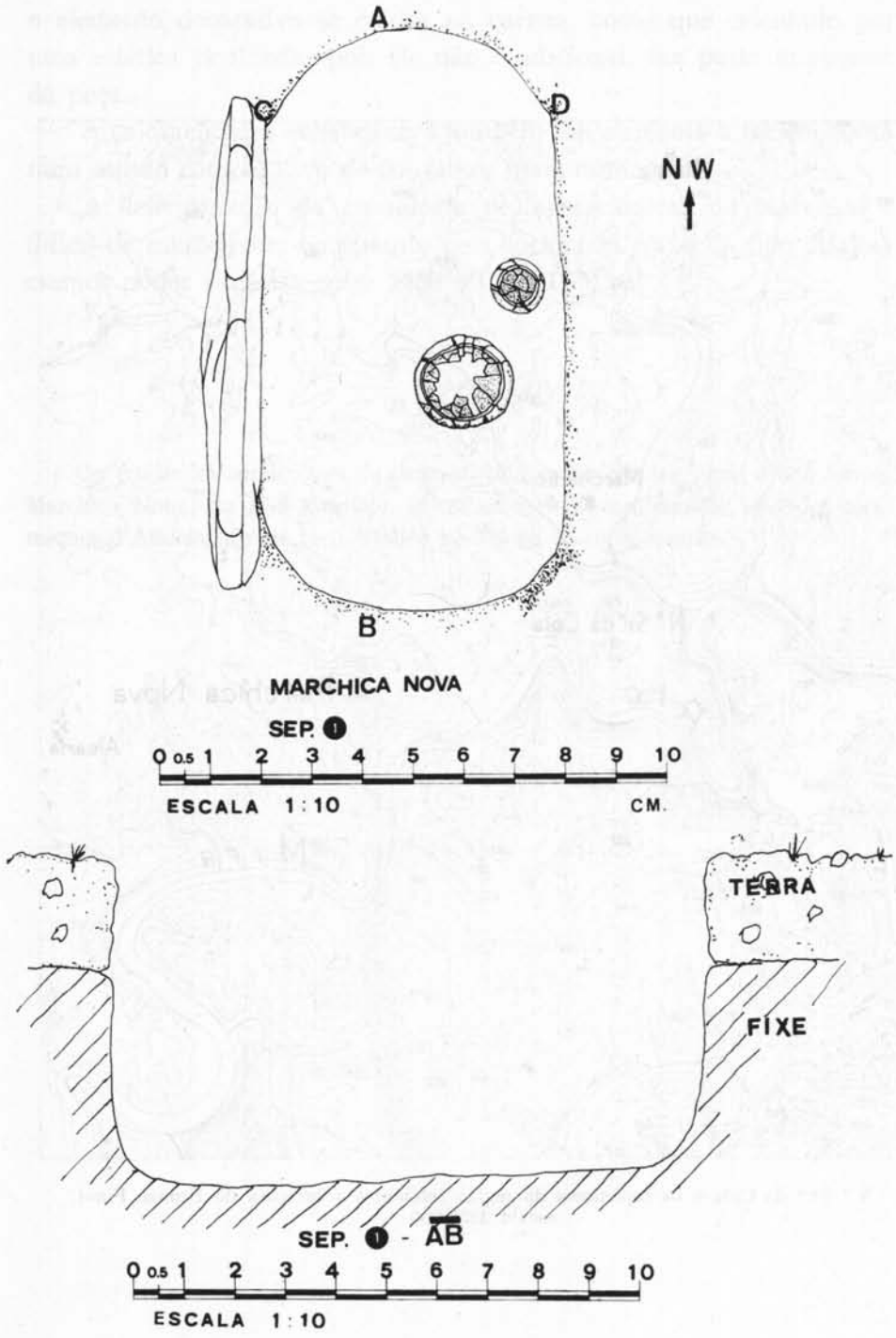
A determinação da cronologia destas cerâmicas da Marchica é difícil de estabelecer, no entanto pela forma da tijela de tipo Atalaia cremos poder situá-las entre 1400 a.C. e 1100 a.C.

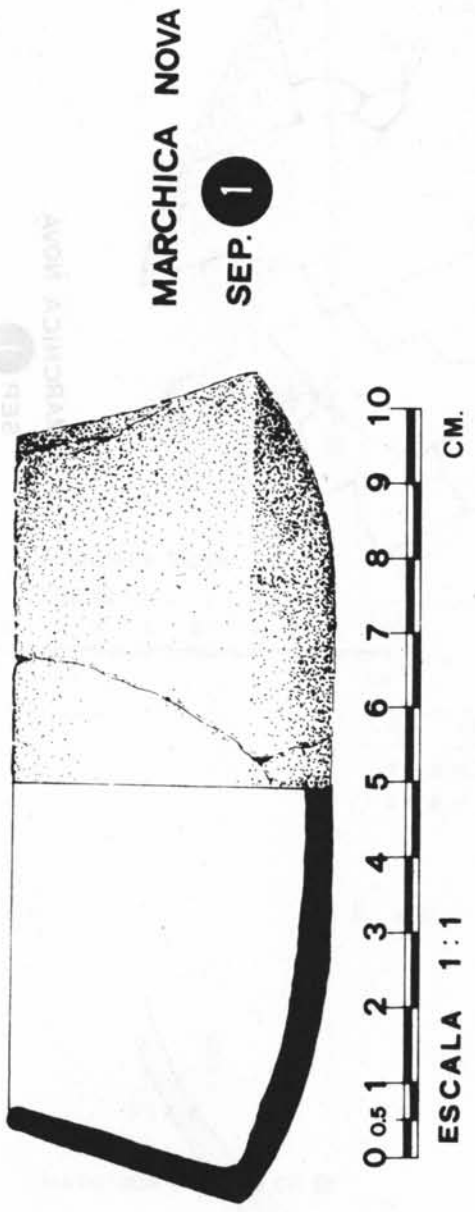
RÉSUMÉ

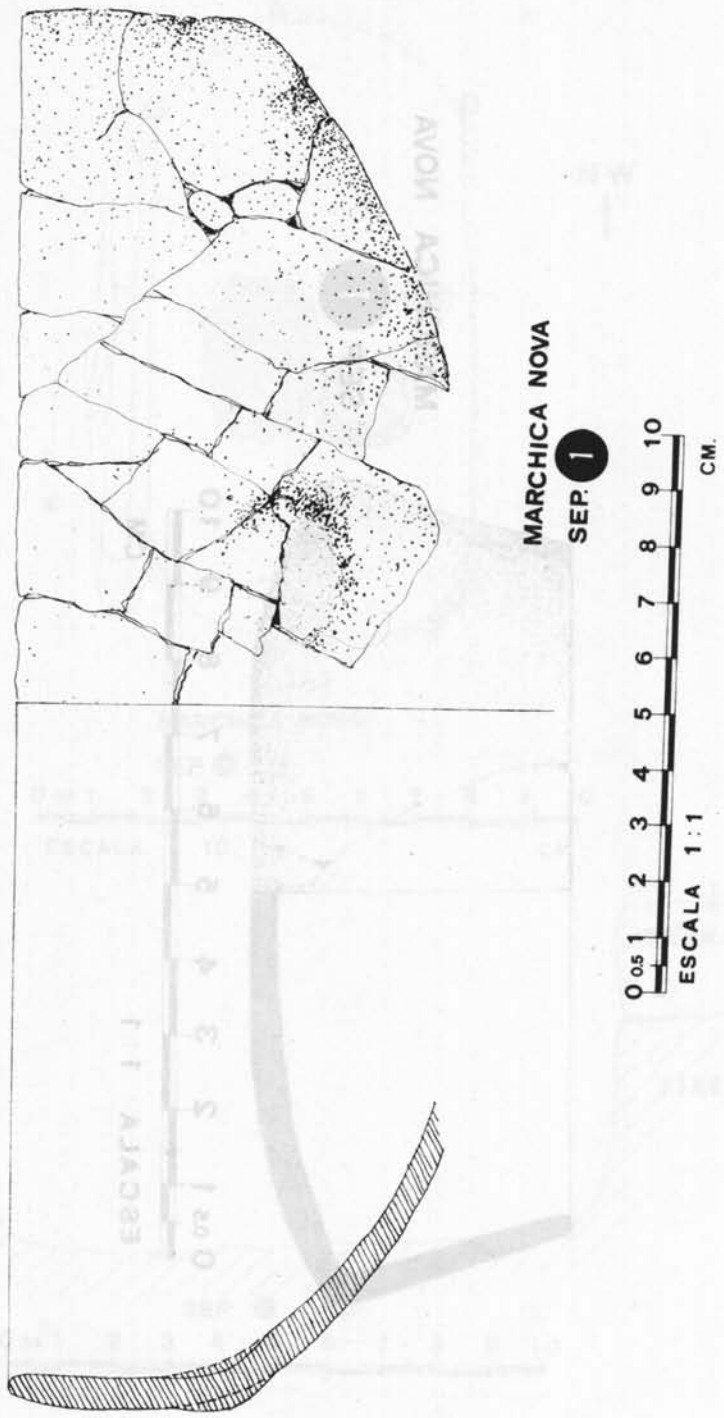
On étudie les céramiques de deux sépultures du Bronze Final d'une ferme, Marchica Nova, du Bas-Alemtejo, et on les met en comparaison avec les céramiques d'Atalaia la plus bien étudiée nécropole de cette époque.

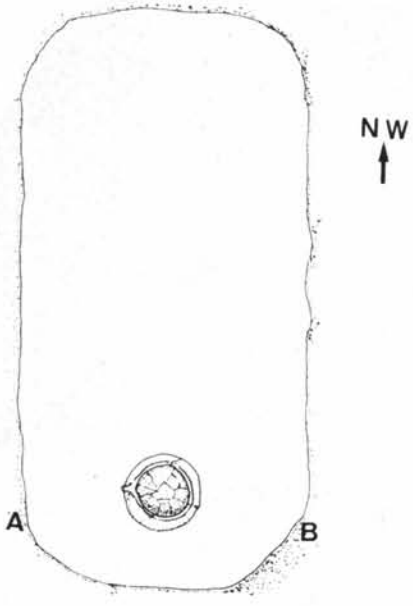


N.ª Sr.ª da Cola e os topónimos da região referentes a estações do Bronze Final; escala 1:25.000

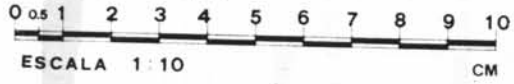

A
D
C
B
N W
MARCHICA NOVA
SEP. 1
0 0.5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
ESCALA 1:10
CM.
TERRA
FIXE
SEP. 1 - AB
0 0.5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
ESCALA 1:10

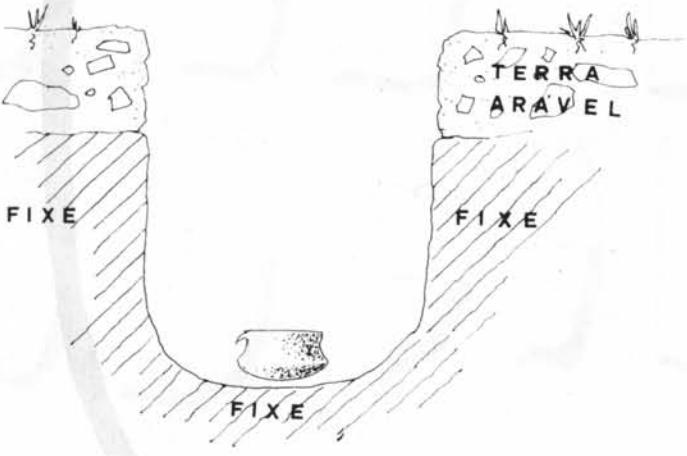

MARCHICA NOVA
SEP. 1
0 0.5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
CM.
ESCALA 1:1


MARCHICA NOVA
SEP. 1
0 0.5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
CM.
ESCALA 1:1

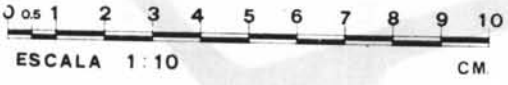


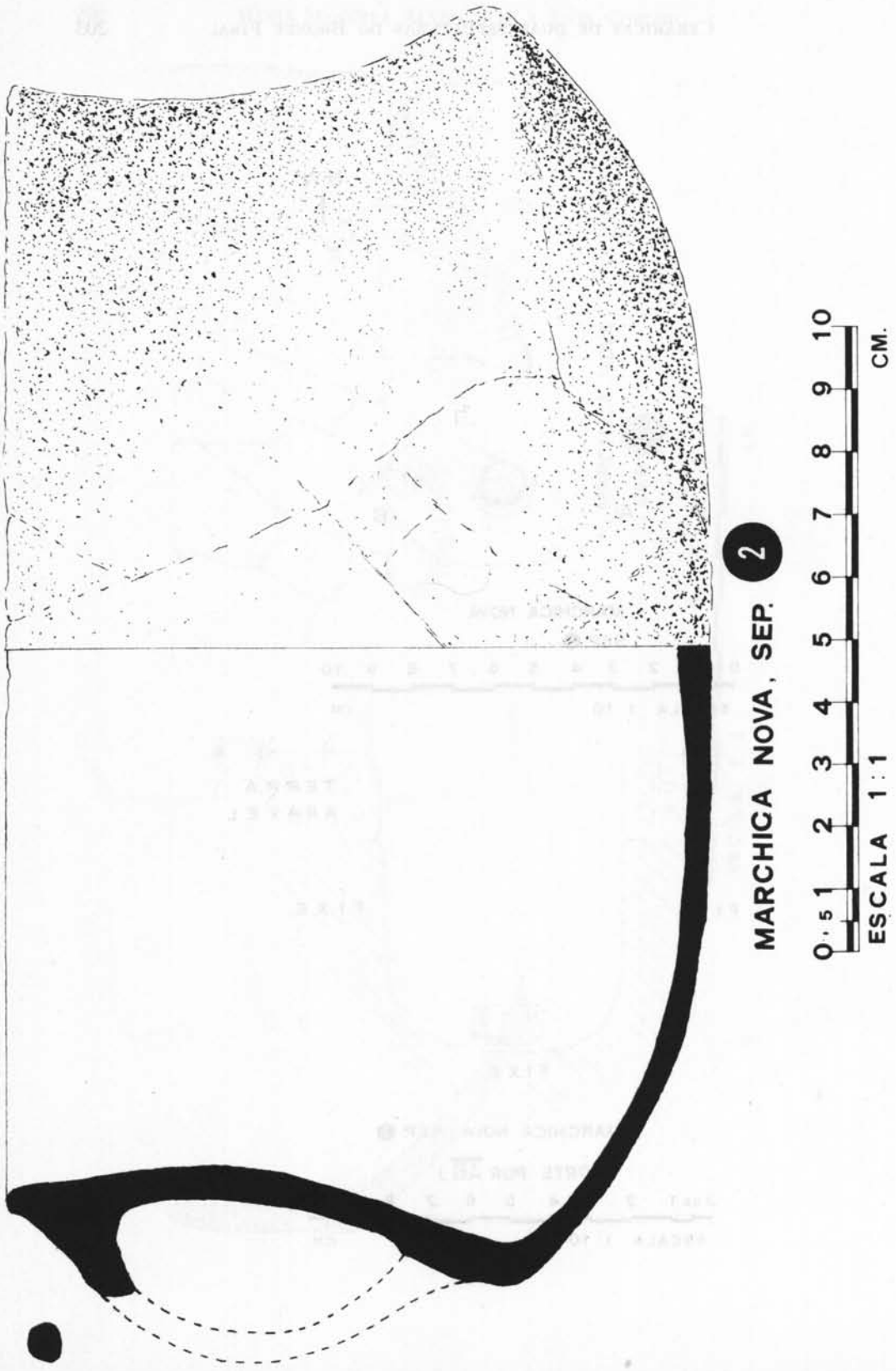
MARCHICA NOVA
SEP. ❷

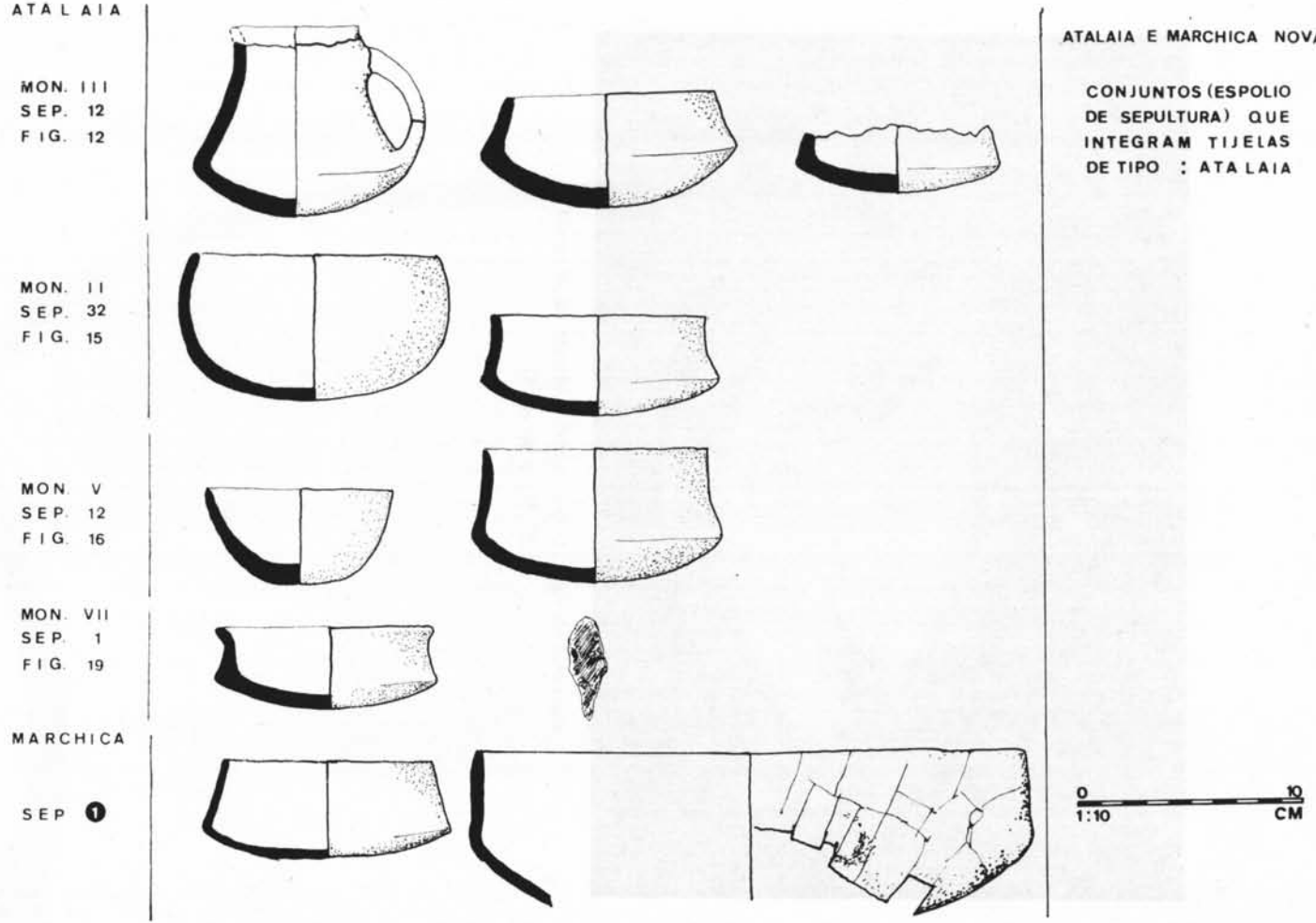




MARCHICA NOVA, SEP. ❷
(CORTE POR $\overline{AB}$)




MARCHICA NOVA, SEP. 2
0,5 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
CM.
ESCALA 1:1


ATALAIA
MON. III
SEP. 12
FIG. 12
MON. II
SEP. 32
FIG. 15
MON. V
SEP. 12
FIG. 16
MON. VII
SEP. 1
FIG. 19
MARCHICA
SEP 1
ATALAIA E MARCHICA NOVA
CONJUNTOS (ESPOLIO DE SEPULTURA) QUE INTEGRAM TIJELAS DE TIPO : ATALAIA
0
10
1:10
CM

Herdade da Marchica Nova: Sep. 1, lage de cobertura
(Foto de C. M. B.)

Herdade da Marchica Nova: Sep. 1, a pedra que cobria os vasos cerâmicos

(Foto de C. M. B.)

Herdade da Marchica Nova: Sep. 1, um aspecto com a cerâmica *in situ*

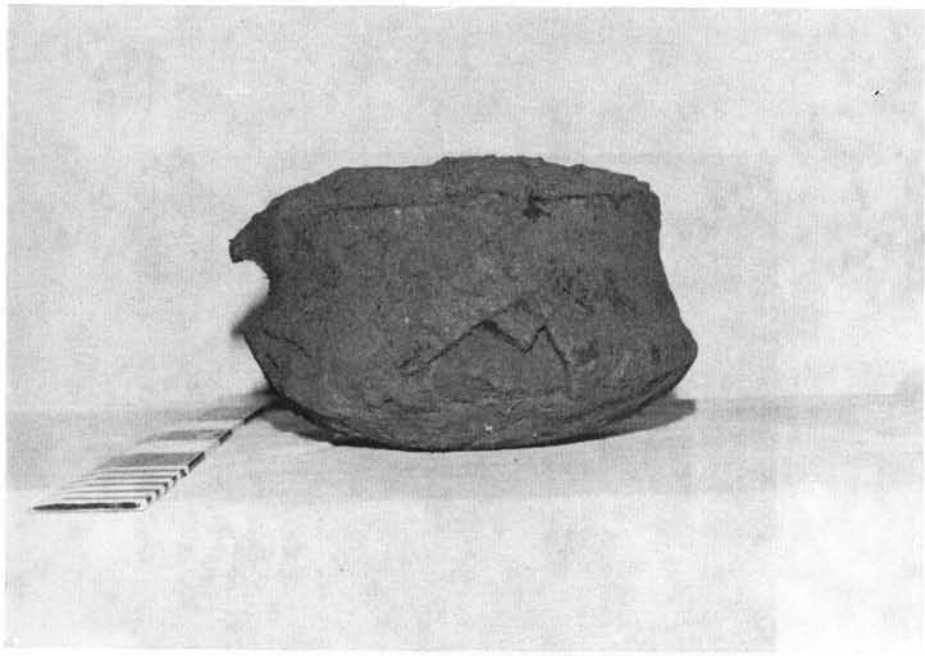
(Foto de C. M. B.)

Herdade da Marchica Nova: Sep. I, tijela de carena baixa

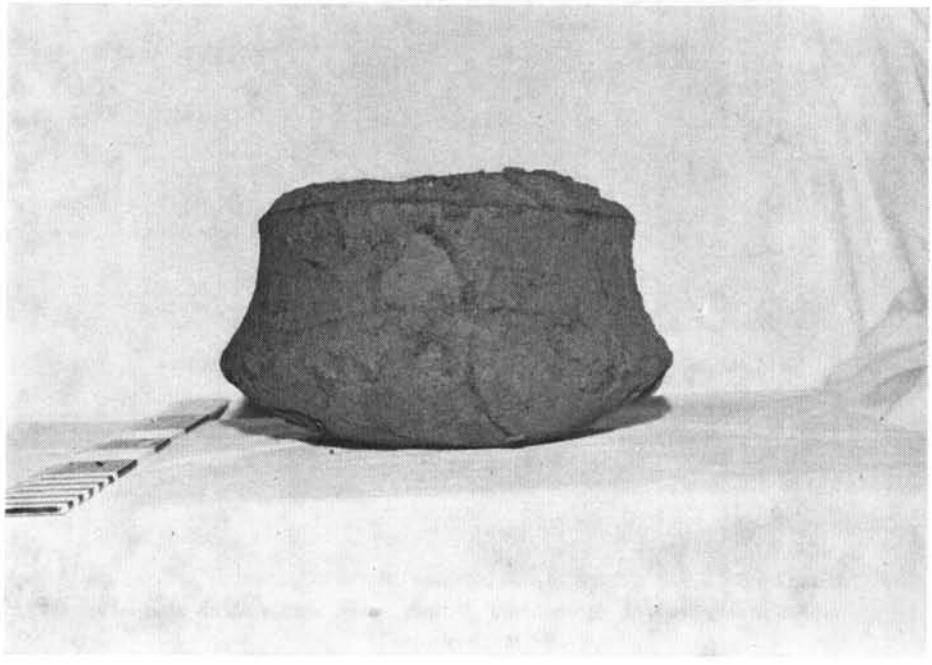
Herdade da Marchica Nova: Sep. 2, um aspecto do enchimento médio
(Foto de C. M. B.)

Herdade da Marchica Nova: Sep. 2, um aspecto com a dádiva cerâmica *in situ*

(Foto de C. M. B.)



Herdade da Marchica Nova: Sep. 2, a grande taça



Outro aspecto da mesma peça cerâmica